

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

MAHENA DÓREA RODRIGUES COSTA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**A MENINA SUBMERSA E A LITERATURA FANTÁSTICA: FONTES DE
INCENTIVO À FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES**

SÃO CRISTÓVÃO

2021

MAHENA DÓREA RODRIGUES COSTA

**A MENINA SUBMERSA E A LITERATURA FANTÁSTICA: FONTES DE
INCENTIVO À FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II),
apresentado ao curso de Letras Português-
Inglês da Universidade Federal de Sergipe
(UFS), como parte dos requisitos para obtenção
do título de Licenciada em Letras Português-
Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amália Vargas
Façanha

SÃO CRISTÓVÃO

2021

A MENINA SUBMERSA E A LITERATURA FANTÁSTICA: FONTES DE INCENTIVO À FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de analisar o romance “A menina submersa: memórias” (KIERAN, 2012), explorando suas potencialidades como obra que, por sua natureza de literatura fantástica e pelas ricas temáticas nela encontradas, pode contribuir para o incentivo à leitura de jovens, especialmente em nível de ensino médio. Para tal, foram destacadas as características desse tipo de literatura e de que maneira os elementos fantásticos foram estudados ao longo do tempo. Buscou-se também compreender como o fantástico se expressa na referida obra; analisar a presença dos temas contemporâneos transversais na narrativa; e aprofundar as possibilidades que o romance fornece para seu uso em sala de aula, destacando temáticas contemporâneas abordadas na trama, o que dialoga com o que preconiza a BNCC (2017) a respeito de temas contemporâneos transversais, a exemplo das questões de gênero. Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos embasamento em autores que versam sobre a literatura fantástica, com destaque para: Camarani (2014); Sá (2003); Todorov (1970); KIERNAN (2014), dentre outros. A partir do estudo da obra enquanto material com potencial para uso na prática pedagógica, entendemos ser possível relacionar os elementos da narrativa às necessidades e preferências dos estudantes adolescentes, contribuindo, assim, com a formação de jovens leitores críticos.

Palavras-chave: literatura fantástica; incentivo à leitura; temas contemporâneos transversais.

1. INTRODUÇÃO

“A menina submersa: memórias” é um romance de fantasia escrito por Caitlín R. Kiernan e publicado pela primeira vez no ano de 2012. Em uma nota ao final do livro, a autora relata que “(...) nunca antes foi tão difícil escrever um romance como foi o caso de ‘A menina submersa: memórias’ (2014, p.315). Também não se trata de uma obra simples de ser lida, ainda que, quando realizada, a leitura recompense os que nela insistiram. O caráter fantástico da narrativa, em muitos pontos, se entrelaça à confusão da protagonista, cujo estado mental, conforme a mesma, não a torna a mais confiável das narradoras. India Morgan Phelps escreve uma história dentro de sua própria história, uma história de fantasmas que nunca morreram, e que a assombram em forma de lembranças.

Em “A menina submersa”, os elementos que geram estranhamento no leitor se conectam, em muitos pontos, com contos fantásticos tradicionais, como “Chapeuzinho Vermelho” e “A Pequena Sereia”. A obra de Kiernan adentra o ciclo do fantástico e do estranho, e o faz de maneira a reconhecer os trabalhos literários que contribuíram para que as obras que temos hoje existissem. Se a literatura fantástica tradicional causou marcas tão fortes em seus leitores a ponto de se manter relevante até a atualidade, é preciso que se pense a respeito da literatura fantástica contemporânea como capaz de fazer o mesmo, de aproximar pessoas do ato de ler. Segundo Leão (2011, p.03):

Se estamos no intenso convívio com as infinitas realidades discursivas, a prática de leitura, mais especificamente de textos literários, atua e transforma o próprio leitor, coloca-o, de forma muito peculiar, diante do mundo criado imaginativamente, atualizando conceitos pré-concebidos, construindo uma nova visão e posicionamento sobre as coisas.

Na compreensão de que as incertezas identificadas na narrativa e na construção da narradora, bem como as diversas referências a textos já muito conhecidos da literatura podem permitir uma forte conexão do jovem leitor com a personagem, entendemos que “A menina submersa: memórias” apresenta grande potencial para ser trabalhado em sala de aula, especialmente com os alunos do ensino médio. Assim, pretende-se aqui analisar a obra buscando identificar os elementos da narrativa que podem contribuir na formação de jovens leitores.

Com esse objetivo em mente, outro elemento a ser destacado é a atmosfera sobrenatural intrigante, que também pode contribuir para despertar o interesse dos leitores, especialmente de alunos do ensino médio, pois diante de tantos questionamentos levantados ao longo do romance, é necessário que as páginas sejam lidas com afinco, para que se construam diferentes significados. Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos embasamento em autores que versam sobre a literatura fantástica, com destaque para: Camarani (2014); Sá (2003); e Todorov (1970); além de KIERNAN (2014). Assim, pretende-se aqui analisar a obra, buscando identificar os elementos da narrativa que podem contribuir na formação de jovens leitores.

2. LITERATURA FANTÁSTICA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

A literatura fantástica é, para o psicanalista Sigmund Freud (1976), caracterizada principalmente pela sensação de estranhamento. De acordo com Todorov (1970), teórico que se dedicou ao estudo dessa modalidade de literatura, o fantástico está ligado à hesitação experimentada pelo personagem e pelo leitor em uma narrativa. Muitas tentativas de definir essa literatura foram feitas ao longo de décadas, ainda que sempre tenham divergido de autor para autor. As divergências e dificuldades relacionadas à definição da literatura fantástica ocorrem, em grande parte, porque o fantástico, em muitos momentos, conversa com outras modalidades, como o romance gótico e o realismo mágico. A autora Ana Luisa Silva Camarani, em seu livro “A literatura fantástica: caminhos teóricos” explica que “A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural,” (CAMARANI, 2014, p. 7). Ainda, segundo ela:

No romance gótico, esses elementos são explícitos, logo, a incerteza não se manifesta, embora a contradição entre as duas configurações discursivas permaneça. O realismo mágico, por sua vez, mantém a mesma conformação binária, mas elimina a contradição entre o real e o sobrenatural ou insólito: há a naturalização do sobrenatural ou a sobrenaturalização do real, ou ainda o chamado realismo maravilhoso centrado nas crenças étnicas (CAMARANI, 2014, p.8)

É interessante destacar que não há entre os estudiosos uma unanimidade sobre o que, de fato, seria o fantástico. Para alguns teóricos, o fantástico é um modo ou uma modalidade. Para alguns, trata-se de um gênero. Um dos primeiros escritos a tratar dessa temática foi “Du Fantastique en littérature”, ensaio de Charles Nodier que data de 1830. O texto de Nodier consistia em uma análise diacrônica do elemento da fantasia na literatura, percorrendo o que já havia sido escrito até o momento em que se encontrava; e estudando a maneira como a literatura de sua própria época se comportava. É possível, através da obra de Nodier (1830), entender o modo como a literatura foi consolidada desde seu início, quando a sua função era vinculada às sensações do mundo físico, ou seja, à representação daquilo que o ser humano sentia em sua vida diária.

É importante salientar, também, que Nodier estabelece logo de início uma relação entre os sonhos e a loucura com o fantástico, visto que, quando o acontecimento fantástico ocorre, é mais crível que os personagens se tornem confusos devido a esses fatores. Em outras palavras, a verossimilhança tende a ser maior quando a dúvida que permeia os eventos narrados se relaciona a um estado onírico ou insano em que se encontra um (ou mais) personagem. Sobre esse aspecto, ao mencionar as ideias de Nodier, Camarani destaca o seguinte:

Comenta ainda que, se no século em que vive a percepção do sono vibra por bastante tempo nas faculdades do homem desperto, provavelmente se prolongaria muito mais outrora, no homem primitivo, que não era esclarecido pelas luzes da ciência e que vivia quase inteiramente pela imaginação (CAMARANI, 2014, p. 20)

Nodier foi ainda além de suas afirmações teóricas sobre o vínculo entre a loucura e a literatura fantástica. Em 1806, o autor já havia escrito, ele mesmo, um conto, de nome “Une heure ou l’ivision”, em que o protagonista é caracterizado como sendo louco, e por isso, é conveniente que dele partam os relatos do sobrenatural. Camarani(2014, p. 21), sobre esse conto, adiciona que “é verossímil que loucos relatem fatos estranhos e até mesmo sobrenaturais”.

É importante considerar que a época em que Nodier escreveu, o início do século XIX, contribuiu fortemente para o desenvolvimento de suas teorias. Os avanços científicos se faziam tão presentes que o elemento do fantástico trazia para a literatura o frescor do desconhecido, um revigoramento necessário para uma sociedade que se preocupava constantemente com o avanço e a resolução racional de doenças e com o lucro.

Torna-se importante também mencionar que o positivismo de Auguste Comte e a teoria da evolução de Charles Darwin foram, talvez, as influências mais marcantes para o século XIX, de modo que, ao longo de suas décadas, a observação de fenômenos e o cientificismo atingiram todo o modo de vida europeu. Assim sendo, a Europa em que escreveu Guy de Maupassant, poucas décadas depois, sinalizava o declínio do inexplicável. Camarani (2014) explica que esse declínio se deve ao fim dos mistérios, pois “todo o inexplicável torna-se um dia passível de uma explicação”. Segundo ela, Maupassant:

Insiste que a cada dia os filósofos, os eruditos ampliam as fronteiras da ciência, delimitando dois campos: do lado de cá, o conhecido que era ontem o desconhecido; alhures, o desconhecido que será o conhecido amanhã, único espaço ainda deixado aos poetas e sonhadores (CAMARANI, 2014, p.23).

Podemos encontrar também uma análise do impacto das mudanças científicas e sociais na literatura fantástica a partir da segunda metade do século XIX. Camarani (2014, p. 36) descreve como, para o Castex, os avanços que a ciência alcançava contribuíram de forma positiva para a literatura, não inibindo o modo fantástico, mas, ao contrário, renovando-o. Afinal, o progresso não ocorreu unicamente numa base cientificista. Os escritos de Allan Kardec conquistaram um número considerável de pessoas, e a

importância de correntes espíritas e ocultistas na Europa aumentava significativamente (CAMARANI, 2014, p. 36).

O gosto popular pelo oculto, portanto, serviu como base para o fortalecimento da literatura fantástica. A partir de então, os contos fantásticos passam por uma fase de “maturação” e recebem novas técnicas, que conseguiram dar às narrativas um caráter mais realista e mais crível, mesmo com os acontecimentos sobrenaturais, conquistando o público transformado pelo século. De acordo com Camarani (2014, p.34):

Castexinicia o capítulo intitulado “A idade de ouro”, assinalando que a exploração do mistério nunca havia sido conduzida com tanta paixão como por volta de 1830 e que as mentes mais sérias passaram a recorrer às hipóteses mais ousadas para explicar os fenômenos desconcertantes da experiência humana. Assim, ampliam o campo da pesquisa científica estudos sobre fenômenos reputados como sobrenaturais: sonambulismo, feitiçaria, licantrópia, possessão, transe e êxtases místicos, prodígios e milagres. No domínio da arte, essa curiosidade traduz-se por uma liberdade de imaginação que pode ser considerada como a característica mais geral e mais importante do movimento romântico: pintores, ilustradores e músicos apresentam motivos alucinantes, pesadelos, frenesim. A reputação de Hoffmann só tenderia a crescer nessa sociedade tão violentamente atraída, em todos os domínios, pelas ilusões e obsessões que ele descrevia, sugere Castex.

Camarani continua explicando que Castex defendia, também, haver uma diferença entre o fantástico maravilhoso (onde o acontecimento sobrenatural não recebe explicação) e o fantástico estranho (em que o sobrenatural se apresenta, ao final do enredo, como mal-entendido, efeito de uma coincidência ou circunstância que pode ser explicada com efeito de verossimilhança), ainda que não os tenha classificado como tal. As nomenclaturas citadas foram pensadas por Todorov, e são explicadas com maior profundidade em seu livro “Introdução à literatura fantástica”, que mencionarei mais adiante.

Sá (2003), ao citar Lovecraft, explica que a fantasia está intrinsecamente conectada às emoções suscitadas pelo texto no leitor, ou seja, deve-se “julgar uma história sobrenatural não pelas intenções do autor ou pela simples mecânica do enredo, mas pelo nível emocional que ela atinge no seu ponto mais insólito”. Ainda que a literatura fantástica permaneça até hoje sem uma definição concreta e unânime, muitos estudiosos se basearam nos escritos de Lovecraft para melhor entender a configuração das obras de fantasia. Em sua obra “Supernatural Horror in Literature”, o autor não apenas faz honrosa menção à obra de Edgar Allan Poe, como também atribui ao escritor norte-americano uma série de marcos da literatura e da fantasia. Conforme Sá (2003, p.19),

Segundo Lovecraft, Poe não seguia as convenções pré-estabelecidas do “final feliz”, “virtudes recompensadas” ou da “didática moral” como

conclusões para os “valores ou padrões populares”, mas expressava e interpretava os eventos e sensações, fossem elas boas ou más, atrativas ou repulsivas, estimulantes ou depressivas, sem que tentasse se portar como um professor, simpaticante ou vendedor de opiniões.

A atmosfera de um enredo é, para Lovecraft, um dos fatores mais importantes presentes em uma história fantástica. A atmosfera é, afinal, o que possibilita a perturbação da realidade “natural”, anteriormente guiada apenas pela razão e pelos fatos científicos. Todorov, por sua vez, estabelece em sua obra de título “Introdução à Literatura Fantástica”, publicada no ano de 1970, que o fantástico pode não durar um enredo inteiro, dessa maneira transformando-se em maravilhoso ou estranho ao longo da narrativa. Segundo ele, o fantástico maravilhoso permite a existência do sobrenatural, que se torna incontestável dentro da narrativa. O fantástico estranho, por sua vez, apresenta uma explicação racional e verossímil para os eventos narrados, explicação essa que poderia facilmente fazer parte do “mundo real” em que vivemos. Entretanto, a hesitação, idealisticamente, deveria estar presente em todo o decorrer do texto para que houvesse o fantástico considerado pelo estudioso como “puro”. De acordo com o autor,

O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1970, p. 23)

A maneira como se estabelece a hesitação, de acordo com Todorov, está ligada a marcadores idiomáticos, estruturas gramaticalmente planejadas para, sem alterar o sentido central de uma sentença, torná-la objeto de dúvida. O sobrenatural e/ou o maravilhoso, então, tirariam proveito do espaço deixado pela dúvida para fazer-se possíveis. Dentre as escolhas gramaticais que marcam a dúvida estão o uso do imperfeito, as metáforas e expressões comparativas e a forma modal dos verbos. Conforme Todorov (1970):

Se essas locuções estivessem ausentes estaríamos mergulhados no mundo maravilhoso, sem nenhuma referência à realidade cotidiana, habitual; graças a elas, somos mantidos ao mesmo tempo nos dois mundos. (TODOROV, 1970, p. 32)

Além do aspecto gramatical característico das histórias de fantasia, Todorov destaca a importância do narrador como construtor do convencimento do leitor no sobrenatural. Para o autor, na relação entre leitor implícito e narrador deve ser

estabelecido um vínculo de confiança, que facilite a atmosfera pretendida durante a narração. O fantástico, afinal,

(...) implica pois uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados. Terá que advertir imediatamente que, com isso, temos presente não tal ou qual leitor particular, real, a não ser uma “função” de leitor, implícita ao texto (assim como também está implícita a função do narrador). A percepção desse leitor implícito se inscreve no texto com a mesma precisão com que o estão os movimentos dos personagens. (TODOROV, 1970, p. 27).

Para tanto, seria necessário que, em contraste com os acontecimentos dúbios do enredo, o narrador fosse uma figura verossímil, preferencialmente alguém que faça parte dos eventos narrados, de maneira que os acontecimentos que vive sejam relatos confiáveis. Exceto pelos momentos regidos pelo fantástico, seria preferível que a vivência diária de um narrador personagem fosse de fácil identificação, pois dessa maneira, a recepção ocorreria de maneira mais efetiva.

O autor afirma, ainda, que a descrição dos personagens nas narrativas fantásticas não costuma ser muito aprofundada; e, portanto, outros aspectos recebem maior destaque nessa modalidade da literatura. Alguns dos principais aspectos a receber maior atenção são a caracterização do ambiente e dos acontecimentos e a atmosfera. Os textos de Poe são comumente usados para exemplificar esse foco mais acentuado na ambientação e nas ocorrências fantásticas.

A questão do narrador é discutida também pelo teórico Bellemin-Noel (apud SÁ, 2003), que afirma que é possível inserir na narração elementos capazes de confirmar a confiabilidade do narrador. Esse recurso é chamado por Bellemin-Noel de “efeito de citação”, e ocorre quando o narrador personagem adiciona informações científicas ou históricas à sua narrativa, ou demonstra conhecimentos e erudição que o tornam alguém que não se deixaria levar facilmente por acontecimentos estranhos.

Nesses casos, as citações funcionam como reforço das dúvidas do personagem e, por consequência, do leitor, visto que a dúvida que parte de uma pessoa informada e cujos conhecimentos de mundo a permitem julgar os eventos com clareza. Muitas vezes essa clareza de julgamento é mais validada pelo receptor do texto, que, mesmo que inconscientemente, se deixa levar pelos fatos narrados com mais facilidade quando a relação de confiança no narrador é formada.

Quando encarado por Penzoldt (apud SÁ, 2003, p. 24), o fantástico recebe ainda outro viés, mais relacionado à recepção do texto e à maneira como o leitor foge ou não

da realidade, a partir da leitura. Para o teórico, o nascimento do terror é consequência da confusão do receptor da estória acerca do real e do irreal. Penzoldt também comenta sobre a influência do momento histórico e social no impacto causado por um texto em um leitor. Desse modo, uma pessoa que vive nos dias de hoje tem tendência a permanecer na fuga da realidade por menos tempo, enquanto nos séculos passados, quando o público era menos cético, esse momento de perturbação do real poderia durar um pouco mais. Assim,

A questão que se coloca evidencia a reação do leitor do texto baseada tanto no “interno ao literário” quanto na vivência desse leitor dentro de sua sociedade e circunscrita a determinado tempo histórico. O conhecimento adquirido por esta sociedade e, em particular, pelo leitor seriam utilizados no momento da recepção do texto. Para Penzoldt, o leitor moderno demandaria um trabalho maior para sua situação no momento fantástico do que para leitores anteriores ao século XX. Devido a este fato, a geração do momento fantástico tornar-se-ia cada vez mais dificultada em sua manutenção ao longo do texto narrativo. (SÁ, 2003, p. 25)

Alguns outros autores foram importantes no estudo sobre o fantástico na literatura. Vax(apud CAMARANI, 2014, p. 45), por exemplo, também define a recepção como tendo fundamental importância para um texto de fantasia. Isso porque, para ele, o texto fantástico se constrói justamente na relação entre o leitor e a narrativa. É necessário que, ao mesmo tempo, o leitor seja “semi-autor, semi-espectador, semi-engajado, semi-desengajado” (CAMARANI, 2014, p. 48). É importante entender que, por mais indefinido que possa parecer o aspecto do fantástico sob um primeiro olhar, muitas foram as contribuições e os esforços para que o mesmo fosse melhor compreendido. Pessoalmente, acredito que a literatura fantástica, tal qual uma obra de fantasia, nunca será escassa em suas leituras, e permanecerá sendo estudada e posta em perspectiva por muitos anos. O fantástico, uma vez que nele se inicie, continua ecoando no imaginário de quem lê.

3. A LITERATURA FANTÁSTICA EM “A MENINA SUBMERSA: MEMÓRIAS”

3.1. Caracterização dos personagens

Iniciemos nosso estudo do modo fantástico no romance “A menina submersa: memórias”, então, pela caracterização dos personagens. Conforme já mencionado anteriormente, para Tzvetan Todorov, a caracterização dos personagens num texto fantástico em menos importa do que outros aspectos da narrativa. Na obra estudada neste

trabalho, a opinião de Todorov é pertinente. “A menina submersa” conta com poucas personagens relevantes, sendo todas elas mulheres. Com exceção da mãe e avó de India, de quem não temos muita informação além de seus históricos médicos e idiossincrasias (até mesmo devido a elas não serem mais vivas no momento em que Imp narra, e, por isso, o leitor só conhecê-la através das memórias da narradora), três outras mulheres são extremamente importantes para os acontecimentos: a própria India Morgan Phelps, ou Imp, que escreve relatos de sua história de fantasmas; sua namorada, Abalyn Armitage; e Eva Canning.

Apesar de não existir, na obra, nenhuma descrição elaborada quanto à aparência física de India, todo o funcionamento de sua mente é escancarado, de modo que a personagem complexa percorre, na narrativa, desde seus traumas de infância, como ser abandonada pelo pai, até os sofrimentos de sua vida adulta, mais relacionados à “maldição” da condição hereditária das mulheres de sua família enquanto portadoras de esquizofrenia. Isso ocorre, pois não é importante para o enredo que o leitor conheça a aparência de Imp. Mas é indispensável que seu interior seja explorado, pois é através de seus traumas e de seus medos que se manifestam os momentos fantásticos, ou, pelo menos, a interpretação da narradora do que aconteceu neles.

Abaly Armitage, a namorada de India, é a pessoa que provê a ela o maior suporte emocional ao longo do romance. Abalyn é alguém em que Imp e o leitor implícito podem confiar. Essa confiança é construída quando seu jeito calmo e caráter racional vão sendo mostrados na narrativa, gerando segurança no leitor e na narradora-personagem. Ela é retratada como alguém que sempre consegue ajudar India em seus piores momentos, até mesmo quando ela desiste de tomar seus medicamentos para a esquizofrenia e mergulha inteiramente nas alucinações. Abalyn é a heroína que salva Imp de si mesma e de sua tentativa de suicídio, que a ajuda a tentar desvendar os mistérios que as cercam e que dela toma conta quando Imp mal consegue se levantar para alimentar-se, limpar-se ou ir ao banheiro. Sua namorada a descreve como alguém “supreendentemente prática para alguém que ganha a vida escrevendo resenhas de videogames” (KIERNAN, 2014, p.89). Por todas as razões acima citadas, o leitor consegue confiar no que é visto e dito pela personagem Abalyn Armitage. Ela liga o receptor ao que aconteceu de mais factual. India, afinal, deixa claro desde o início que ela está escrevendo uma história de fantasmas e que ela tentará fazer com que tudo o que ela diga seja verdadeiro, “o que não quer dizer, é claro, que seja factual” (KIERNAN, 2014, p. 17).

Eva Canning, por sua vez, é a personagem mais descrita fisicamente do romance. Não se conhece muito, pela narrativa, sobre o que ela pensa ou porque age como age, afinal, nem ao menos se sabe quais das memórias de India ocorreram de fato. Nas páginas finais do livro é mostrada um pouco de sua história de vida; entretanto, é necessário que se costure uma informação à outra e se tente preencher as lacunas deixadas pela escassez de informações.

Tudo é incerto e grande parte dos eventos narrados pode ter sido uma alucinação. O fato de Eva ser a personagem mais descrita visualmente faz sentido para a construção do enredo. Ela é, afinal, o símbolo que carrega o início, o meio e o fim de tudo de sobrenatural que se desencadeia a partir de seu encontro com India. Eva Canning não é apenas uma personagem. Ela faz parte da atmosfera como elemento estranho. É a materialização do incerto e dos fantasmas de Imp. Para Imp, na verdade, Eva é todos os seus fantasmas de uma só vez. É a culminância de suas incertezas, e daquilo que, em consonância com a definição de estranho de Freud (1976), a assusta por ser tão familiar e em tanto se parecer com seus fantasmas da infância. Logo no início da narrativa, num trecho em que Imp introduz Eva enquanto parte crucial de sua história, ela explica que Eva Canning “poderia ter sido um fantasma, um lobo, uma sereia, ou, talvez, muito provavelmente, nada que jamais tenha um nome” (KIERNAN, 2014, p. 37)

3.2. Atos narrados

Ao tratar do fantástico, a literatura, em muitas ocasiões, cruza seus caminhos teóricos com os da psicanálise, com ênfase nos estudos de Sigmund Freud sobre o estranhamento, em seu trabalho “Das unheimlich” (Apud SÁ, 2003). Segundo Ana LuisaSilva Camarani (2014, p.45), “o sentimento de estranheza aparece em Freud ligado ao retorno de uma situação infantil angustiante, à ameaça da castração; a mentalidade animista da criança reapareceria na angústia do adulto”. Para Vax (apud CAMARANI, 2014), “o fantástico é uma espécie de “sagrado” ao contrário, contaminando tudo aquilo que toca”. Também a narradora de “A menina submersa” utiliza-se do sentido de “contágio” para descrever a própria experiência. Para ela,

Essa é mais uma característica dos fantasmas, uma característica muito importante: você tem de tomar cuidado porque assombrações são contagiosas. Assombrações são memes, em particular, transmissões de ideias perniciosas, doenças contagiosas sociais que não precisam de hospedeiro viral nem bacteriano e são transmitidas de milhares de modos diferentes. Um livro, um poema, uma canção, uma história de

ninar, o suicídio da avó, a coreografia de uma dança, alguns quadros de filme, um diagnóstico de esquizofrenia, o tombo fatal de cima de um cavalo, uma fotografia desbotada ou uma história que você conta para sua filha. Ou um quadro pendurado na parede. (KIERNAN, 2014, p. 23 e 24)

A definição de Freud de estranho e as ideias de Vax sobre a literatura fantástica podem ser facilmente percebidas nas páginas do romance “A menina submersa”. Ao relatar os acontecimentos desde o início de sua “história de fantasmas”, India Morgan Phelps deixa clara que a sua inquietação infantil com o conto “Chapeuzinho Vermelho” a persegue até a idade adulta, bem como sua admiração pela estória “A Pequena Sereia”. India mantém pastas com arquivos sobre seus fantasmas e coleciona versões das estórias e notícias que a lembram das mesmas. Relacionar notícias reais a estórias fantasiosas é uma das maneiras como a moça acaba por permitir que acontecimentos até então “normais” tornem-se sobrenaturais sob seu olhar. A própria narradora acredita que suas impressões de “Chapeuzinho Vermelho” e “A pequena sereia” são o coração da história de fantasmas que ela está escrevendo.

Sobre sua relação com o conto de Charles Perrault, “Chapeuzinho Vermelho”, India escreve:

De qualquer forma, mesmo com final feliz, a história me assustava. Primeiro porque eu nunca imaginava o lobo como um lobo de verdade, mas como uma criatura que caminhava ereta nas duas patas e parecia muito mais com um homem que com um lobo. Portanto, eu o considerava um lobisomem. Quando já era mais velha, li um livro sobre lobos e assisti a um documentário do National Geographic e percebi que o modo como eu vira o lobo, em minha imaginação, tornava a história mais verdadeira, porque os homens são mais perigosos que os lobos. Em especial se você é um lobo ou uma garotinha. (KIERNAN, 2014, p. 33).

Além de “Chapeuzinho Vermelho”, uma outra memória perniciososa assombra os pensamentos de Imp. “Fecunda Ratis”, obra do fictício pintor Albert Perrault. A pintura é descrita da seguinte maneira:

(...) praticamente tudo era cinza e então havia a mancha vermelha perto do centro. A mancha formava um tipo de ponto imóvel, um nexos ou um alicerce. É a túnica batismal de lã da criança, a única coisa que ela está vestindo. A menina está apoiada nas mãos e nos pés, e a cabeça está tão inclinada que seu rosto se esconde da vista. Não há nada além de uma confusão selvagem de cabelos emaranhados e a túnica vermelha que, quando o quadro não é considerado como um todo, parece cruel e incongruente. A garota está cercada por vultos escuros, pesados (os lobos), e os lobos, por sua vez, encontram-se em um círculo de pedras

erguidas, um anel megalítico que se agiganta. (KIERNAN, 2014, p. 35 e 36).

Um pouco mais adiante na narrativa, Imp encontra uma mulher sozinha e nua numa rodovia. Suas lembranças sobre o acontecimento são nebulosas e repletas de incertezas, especialmente a partir do momento em que ela deixa de tomar a medicação que controla as alucinações causadas pela esquizofrenia. Em uma das memórias, India acredita que a moça era, na verdade, o fantasma de um lobo:

Ela era o fantasma de um lobo, e eu queria me juntar a ela. O fantasma de um lobo é mais livre que uma louca com o estômago cheio de drogas. Eram os comprimidos que me faziam imutável demais para correr nas quatro patas, não a morfologia do sacro, a pelve, o fêmur. Eles eram o veneno contra o qual até ela era impotente. (KIERNAN, 2014, p. 210)

A moça com quem Imp se depara na rodovia chama-se Eva, e Imp lembra-se da situação como se ela houvesse ocorrido duas vezes. Em uma das vezes, em novembro, está nevando, e Eva é um lobo. No que parece ser a primeira memória, no entanto, é uma noite quente de verão em julho, e a versão de Eva de julho é uma sereia. Nos momentos em que Eva foi descrita como uma sereia, os fantasmas que assombravam e confundiam a mente de India eram outros. Além das múltiplas versões de “A Pequena Sereia” que a personagem guardava, lendas locais sobre a “sereia de Millville”, uma moça cujo corpo supostamente havia sido avistado boiando no Rio Blackstone por crianças que brincavam às suas margens, mas que nunca foi encontrado pela polícia, e o quadro “A menina submersa” eram lembranças constantes da temática da sereia no imaginário de Imp.

3.3. Ambientação espacial

A ambientação espacial descrita pela narradora autodiegética Imp na obra de Caitlín R. Kiernan é um fator de extrema importância para a compreensão do texto. Isso se deve ao fato de a personagem, em muitos momentos, comparar as paisagens à sua volta às pinturas que assombram seus pensamentos. Imp chama essas impressões de “fantasmas”, e explica que são “(...) lembranças fortes demais para serem esquecidas, ecoando ao longo dos anos e se recusando a serem apagadas pelo tempo. (KIERNAN, 2014, p. 23)”.

Uma das pinturas que age como um “fantasma” nas memórias de India Morgan Phelps se chama, bem como a obra em questão, “A menina submersa”. A descrição do ambiente retratado na pintura contribui para a sensação de estranhamento sentida por

India e, por conseguinte, pelo leitor implícito. A palavra “estranho” aparece na primeira descrição da pintura no romance:

O título do quadro sempre me pareceu estranho. Afinal de contas, a garota não está se afogando, mas apenas caminhando na água. Ainda assim, Saltonstall investiu o quadro com uma inegável sensação de ameaça ou medo. Ela pode surgir da mata sombria que se agiganta atrás da garota, e/ou da sugestão de que algo ali chamou sua atenção para as árvores. Um galho que estalou, talvez, ou passos esmagando as folhas caídas. Ou uma voz. Ou praticamente qualquer coisa. (KIERNAN, 2014, p. 20)

O espaço retratado no quadro “A menina submersa”, do pintor fictício Phillip George Saltonstall apresenta algumas semelhanças com o Rio Blackstone, um espaço visitado por Imp algumas vezes durante os acontecimentos narrados, e essa semelhança não é desprovida de propósito. É devido aos aspectos em comum entre a pintura e o rio que se inicia o ciclo de desventuras que leva India à sua confusão. Se as sensações de estranhamento geradas por “A menina submersa” já habitavam a mente de Imp, os eventos às margens do Rio Blackstone tornam a experiência ainda mais confusa para a jovem, que não entende em que pontos suas memórias são verdadeiras, e nem em que memórias pode confiar.

Em muitos momentos, a narradora questiona a própria capacidade de contar sua história de maneira adequada, e assume não poder escrevê-la de maneira linear ou factual. Além da incapacidade de entender o que realmente aconteceu a partir desses eventos, India relata ao longo de sua narrativa os episódios de esquizofrenia vividos, momentos em que a moça até mesmo deixa de lado sua medicação, influenciada pela mulher que encontrara à beira da estrada próxima ao Rio. Mulher essa que pode ou não ter ido até sua casa, que pode ou não ser uma sereia e que talvez seja um lobo, sob o argumento de que as medicações alteram a memória e impedem-na de ver com clareza.

As circunstâncias sob as quais estava a supracitada moça, chamada Eva Canning, quando Imp a encontrou são, de acordo com a narração, quase idênticas às da cena pintada por Saltonstall. Naquele momento, Eva estava nua, de pé no acostamento da Rodovia 122, com os cabelos molhados. India escreve:

Agora posso ver suficientemente bem para perceber que o cabelo dela está molhado. Olho na direção do rio, oculto na escuridão, mas com um cheiro muito mais forte que o cheiro de quando eu estava apenas passando por ele de carro. Olho novamente para a mulher e noto que ela está de pé perto do início de uma trilha de terra batida que conduz até a água. (KIERNAN, 2014, p.84)

3.4. Atmosfera

Em “A menina submersa”, o fantástico estranho toma um caminho peculiar: Não é que a realidade que se torne subitamente sobrenatural. O fantástico, a que India parece temer desde criança, invade pouco a pouco o real, com a permissão, mas não proposital, da mente da personagem-narradora. Vax (apud CAMARANI, 2014), considera que essa abordagem do fantástico diferencia a literatura fantástica contemporânea da literatura fantástica tradicional. Atualmente, então, a natureza do fantástico torna-se

(...) menos a ideia de uma irrupção abrupta de um acontecimento sobrenatural no mundo real, do que uma relação afetiva que liga os sentimentos ambivalentes – a atração pelo medo, pelo horror, pela aversão (CAMARANI, 2014, p. 49).

A utilização dos termos “verdadeiro”, “imaginário”, “verossímil” e “inverossímil”, principalmente se combinados, é refutada, segundo Vax (apud Camarani, 2014). Para o autor, realmente necessário seria analisar “a certeza científica fundamentada no raciocínio e na experiência; a convicção que se apoia na vontade de crer e na recusa de duvidar e a evidência afetiva”. Nesse ponto, o valor que dado à recepção do texto concorda com os escritos de Nodier, ou seja, os dois estudiosos sustentam a ideia da necessidade de identificação e envolvimento entre o leitor e a narrativa. De acordo com Camarani (2014, 56), ainda citando Vax, a literatura fantástica “se situa imediatamente no plano da ficção pura, pois é antes de tudo um jogo com o medo” (CAMARANI, 2014, p. 56). Em 1966, Caillois acrescentaria ainda que

(...) o medo é um prazer, um jogo delicioso, uma espécie de aposta com o invisível em que o invisível, no qual não se crê, parece vir reclamar o que lhe é devido; no entanto, uma margem de incerteza subsiste instaurada pelo talento do escritor, por meio da lógica, da precisão, de detalhes verossímeis, mostrando-se exato, escrupuloso, realista. (CAMARANI, 2014, p. 56).

Como já detalhado anteriormente, um artifício muito utilizado para a construção gradual da incerteza no leitor é “o efeito de citação” de Bellemin-Noel. No romance “A menina submersa”, a narradora faz referências a textos da literatura clássica durante toda a narrativa, além de mostrar-se uma leitora e pesquisadora ávida de artigos e notícias relacionadas aos assuntos de seu interesse. India vai à biblioteca sempre que deseja aprofundar suas pesquisas e é, também, escritora e pintora, e não são poupadas as citações de pinturas sempre relacionadas aos acontecimentos. Ainda que, na maior parte das vezes, as pinturas sejam fictícias, no universo criado por Kiernan, Imp poderia ser considerada

uma pessoa culta. É provável até mesmo que sua namorada, Abalyn Armitage, testemunhasse a favor dos conhecimentos de India. Em muitos momentos, Abalyn acha graça na formalidade do vocabulário de India. Em uma das vezes em que isso ocorre, India se defende com mais uma citação, dessa vez retirada de uma obra cinematográfica:

— Você concebeu? Ninguém mais diz conceber.
 — A linguagem é um meio de comunicação pobre do jeito que está – falei para ela. — Por isso deveríamos usar todas as palavras que temos. Não era um pensamento original; eu estava parafraseando Spencer Tracy em *O Vento Será Tua Herança*. (KIERNAN, 2014, p. 60)

4. “A menina submersa: memórias” enquanto fonte de incentivo à leitura

A literatura fantástica tem o poder de aproximar o público infanto-juvenil da leitura. Títulos como “Harry Potter”, da autora J.K. Rowling, “Percy Jackson e os heróis do Olimpo”, de Rick Riordan e “O Senhor dos Anéis”, de J. R. R. Tolkien, por exemplo, são notoriamente preferidos pelos leitores dessa faixa-etária. Outros títulos menos citados foram “As Crônicas de Gelo e Fogo”, de George R. R. Martin; “A Maldição do Tigre”, “O Resgate do Tigre” e “O Destino do Tigre”, de Colleen Houck; e a série “Olimpo em Guerra”, de Kate O’Hearn. Castro (2014, p. 23 e 25) mostra que os títulos citados estão entre os mais procurados pelos jovens nas bibliotecas, e que muitas vezes essas obras agradam a todas as idades.

A procura quase que exclusiva dos adolescentes por livros fantásticos demonstra o imenso potencial que esse tipo de literatura tem de alcançar os leitores mais novos. Por esse motivo, escolher esses livros para serem discutidos em sala de aula ou como novas aquisições para bibliotecas parece uma escolha acertada, em se tratando de providenciar a inserção da leitura na vida de jovens estudantes. Leão (2011, p. 43) destaca também a busca por “Drácula”, de Bram Stoker, e pelos textos de Edgar Allan Poe, o que sugere uma atração dos jovens pelo sobrenatural.

A leitura é uma atividade de imensa importância para a formação de crianças e adolescentes, tanto no desenvolvimento cognitivo quanto social. A partir das histórias lidas, uma criança pode adquirir ou reforçar noções de cidadania crítica, respeito ao próximo ou outros valores aprendidos na convivência com a família e escola. Carvalho (2004 apud CASTRO, 2014, p. 8), afirma que:

A leitura contribui para a formação do sujeito não só enquanto leitor, mas como indivíduo historicamente situado, uma vez que a interação

texto-leitor promove o diálogo entre o conjunto de normas literárias e sociais presentes tanto no texto literário, quanto no imaginário infantil.

Castro destaca, também, que não é necessário apenas ler as obras fantásticas. Com a participação do mediador de leitura (ou dos mediadores, se for esse o caso), pode-se desenvolver melhor a relação entre a criança e o texto a partir de uma variedade de atividades lúdicas, como a contação de histórias, as oficinas de escrita, rodas de leitura, palestras e rodas de conversação com os autores, e assim por diante. Cabe ao mediador estudar os exercícios que podem ser feitos e melhor se adequam à obra escolhida e ao público das atividades.

Apesar do papel fundamental do estímulo da leitura durante o período escolar da vida de uma pessoa, a relação entre jovens e livros no Brasil ainda é muito precária. De acordo com TEIXEIRA (2009, p. 20), essa precariedade se dá por muitos fatores, e a raiz desse problema está ligada ao fato de, no Brasil, “mensurar qualidade da capacidade da leitura de sua população não é prática, o assunto não gera interesse para estudiosos e governantes”.

De acordo com Castro (2014, p. 14), ainda, o incentivo à leitura não é apenas tarefa do professor, e nem deve acontecer somente na sala de aula. As bibliotecas são espaços muito importantes, e, dentro ou fora das escolas, é necessário que se pense na organização desses espaços, na disposição dos livros, na criação de oficinas e em diversos outros meios de tornar a biblioteca um local mais procurado pelo público infanto-juvenil.

Além de um espaço apropriado para ler, é preciso também que existam no cotidiano das crianças e adolescentes pessoas que possam assumir o papel de mediadores de leitura. Silva (2003, apud CASTRO, 2014, p. 13) aponta os pais como os primeiros mediadores de leitura, visto que normalmente o contato da criança com a literatura é iniciado em casa. Após esse primeiro contato, tornam-se importantes também para essa função os professores e os bibliotecários. Em todos esses casos, é necessário preparo por parte do mediador, para que os textos mostrados sejam adequados aos estágios de desenvolvimento cognitivo e social dos leitores em formação. Segundo Caldin (2003, p. 11):

(...) a leitura, enquanto oportunidade de enriquecimento e experiência é primordial na formação do indivíduo e do cidadão. A formação de leitores se configura como imperativo da sociedade atual. Pessoas afeitas à leitura, aptas a penetrar os horizontes veiculados em textos mais críticos, são pessoas capazes de melhor desempenho em suas atividades e apresentam melhor aptidão para o enfrentamento dos problemas sociais.

Também é preciso considerar as questões sociais que permeiam o desenvolvimento das crianças de diferentes escolas. Em alguns casos, o professor precisa estar preparado para ser o primeiro mediador de leitura de seus alunos, pois, por razões econômicas, sociais ou culturais, a família da criança não tem a possibilidade de introduzir em sua vida o hábito de ler.

Ainda que algumas obras frequentemente apareçam em posição de destaque ao tratar-se dos romances mais pedidos e lidos pelo público infanto-juvenil nas bibliotecas, nenhuma comunidade é exatamente igual à outra, e por isso é importante que se estude o perfil dos leitores a quem se tenta alcançar em determinado espaço de leitura. A adequação das obras à preferência dos jovens não só contribui para um maior interesse dos mesmos em ler e buscar a biblioteca, mas também melhora a relação dos leitores em formação com os romances lidos. É preciso que a leitura experimentada atue como um processo de construção de sentidos para o leitor, para que este possa apreciar aquilo que leu e, como consequência, busque novas experiências com diferentes textos. De acordo com Azevedo (2003, apud CASTRO, 2014, p. 16):

Quando falamos em formação para a leitura referimo-nos a práticas que, sendo estimuladoras do prazer de ler, permitam uma adequada negociação do sentido entre o texto e o leitor, o que supõe interações discursivas que, não rasurando as dimensões textuais e contextuais, não imponham o modelo de uma leitura única e monológica do fenômeno literário.

Segundo Leão (2011, p. 42), os textos literários estão constantemente sendo reescritos, e são, portanto, uma espécie de “mosaico de citações”. Como exemplo desse fenômeno de intertextualidade, cita as diversas releituras do tão conhecido romance “Drácula”, de Bram Stoker. Ainda que “Drácula” tenha sido publicado em 1897, o interesse dos adolescentes pela obra mantém-se inabalado por mais de 100 anos. Leão aponta como importantes para a contínua relevância do romance de Bram Stoker as várias adaptações da obra para o cinema, que mantiveram os personagens de Stoker no imaginário popular, e as releituras das obras de vampiros adaptadas para o público infanto-juvenil, como os *best-sellers* d’A saga Crepúsculo. Tais romances são capazes de aproximar ainda mais os jovens da literatura, criando conexões com outras obras que podem interessá-los e abrindo caminhos para a descoberta de novos interesses, como, no caso da obra citada, o interesse pelo sombrio e pelo romance gótico. De acordo com Leão:

(...) essa pluralidade discursiva vai além das dimensões internas da própria obra, estendendo-se à leitura, que não mais dissemina a busca do significado único ou da verdade interpretativa, mas reafirma a

multiplicidade de sentidos a partir das diferentes vozes que se cruzam nos discursos (LEÃO, 2011, p.43).

Assim como existem várias releituras que podem ser feitas a partir do romance “Drácula”, “A menina submersa: memórias” é, também, um hipertexto escrito a partir de outras obras da literatura, de músicas e de notícias que inspiraram a autora e que estão reunidas ao final do romance. O uso de figuras dos contos de fadas se destaca na narrativa, com ênfase em “A Pequena Sereia”, “Chapeuzinho Vermelho” e “Alice no País das Maravilhas”. Por serem essas estórias já amplamente lidas desde a infância e readaptadas constantemente para o público mais maduro, é fácil para o leitor estabelecer conexões que dão maior sentido à leitura, da mesma maneira que acontece com as releituras de “Drácula”.

A temática do livro de Kiernan, apesar de lúdica, é muito atual e lida com situações do cotidiano dos adolescentes, como a dúvida e a descoberta de si mesmo e de sua sexualidade. Esses assuntos devem ser levantados durante a leitura do romance, de modo a atingir os objetivos descritos na Competência Específica 3 das linguagens e suas tecnologias, da Base Nacional Comum Curricular, destinada ao Ensino Médio (BRASIL, 2018, p. 493):

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socio-ambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Dessa forma, o romance “A menina submersa: memórias” se adequa melhor às propostas da BNCC para o ensino de linguagens e suas tecnologias no ensino médio, já que a vivência das personagens estabelece uma melhor conexão com leitores a partir dessa faixa etária. É importante explorar o conhecimento de mundo que os alunos já possuem desde antes da leitura da obra, pois para o desenvolvimento da Competência Específica 3 é preciso que se construa “a autonomia dos estudantes nas práticas de compreensão/recepção e de produção (individual ou coletiva) em diferentes linguagens” (BRASIL, 2018, p. 493).

4.1. Os Temas Contemporâneos Transversais em A Menina Submersa: Memórias

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) e as PCN (BRASIL, 1998), é necessário que o professor procure, sempre que possível, abordar problemáticas contemporâneas em suas aulas. Uma prática pedagógica contextualizada permite ao docente “aumentar o interesse dos estudantes durante o processo e despertar a relevância desses temas no seu desenvolvimento como cidadão” (BRASIL, 2019, p.4). Dessa forma:

(...) espera-se que a abordagem dos Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) permita ao estudante compreender questões diversas, tais como cuidar do planeta, a partir do território em que vive; administrar o seu dinheiro; cuidar de sua saúde; usar as novas tecnologias digitais; entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres como cidadão, contribuindo para a formação integral do estudante como ser humano, sendo essa uma das funções sociais da escola. (BRASIL, 2019, p.4)

Dada a importância dos debates de caráter social, histórico, político e cultural para a formação de alunos críticos e cidadãos reflexivos, é possível que a leitura do romance aqui estudado pelos estudantes do ensino médio seja realizada de tal forma a contribuir com o levantamento de questões de relevância social. A partir do romance, a turma pode debater os papéis de gênero na atualidade e o respeito à diversidade de orientações sexuais e identidade de gênero. Segundo Ladelfo e Bikoski (2016, p. 140):

Sobre a diversidade sexual e de questões relacionadas ao gênero, acredita-se que cada vez mais se faz necessário a inclusão destes assuntos no currículo escolar, pois estes temas estão difundidos na sociedade através da mídia e das vivências e, portanto, são muitas vezes trazidos para o cotidiano escolar pelos próprios alunos.

Os temas transversais, então, trazem para as aulas um momento reflexivo, no qual a interpretação do texto vai além do que está proposto num romance e conversa com a vivência de cada aluno. Expandir o conhecimento de mundo do adolescente e, ao mesmo tempo, “ressaltar o respeito ao outro independente das situações em que se encontram” (LADELFO e BIKOSKI, 2016, p. 143) permite à escola se tornar um lugar de construção de saberes que se relacionam com o mundo de maneira ética. Conforme Torres e Nogueira (2015, p. 3):

(...) faz-se necessário trabalhar em sala de aula os Temas Transversais com a necessidade de fazer cidadão atuantes na comunidade de que se relacionam. A escola, com seu papel de abrir portas deve estar sempre atenta as necessidades da sociedade. Da mesma forma o professor com seu trabalho excepcional deve estar em constante ligação em suas aulas com temas que ajudarão os seus alunos a se estruturar no meio social.

Nesta perspectiva, ao utilizar *A Menina Submersa* ou qualquer outro romance como objeto de estudo em suas aulas, um professor consciente de seu papel enquanto formador de cidadãos críticos precisa levantar as questões sociais que perpassam a narrativa. Na escrita de Caítlín R. Kiernan, essas questões estão frequentemente ligadas ao gênero e à sexualidade.

Para além das camadas de fantasia, a narrativa de India Morgan Phelps conecta-se à visão de mundo e experiência da personagem enquanto mulher e enquanto parte de um relacionamento homoafetivo com outra moça que, por sua vez, compartilha um pouco sobre sua vivência como mulher transsexual. Em quase todos os momentos em que esses assuntos são citados, as personagens demonstram um sentimento de solidão e abandono.

O primeiro indício de abandono que Imp descreve vem de seu histórico familiar. Ao leitor não são apresentadas muitas características do pai de India Morgan Phelps, mas isso se dá devido à situação com que a menina e sua mãe precisam passar por causa dele. O homem abandona a esposa e a filha ainda criança. Segundo a narradora autodiegética, seu pai havia deixado o lar para não precisar lidar com as questões de saúde mental de sua companheira, e nunca mais havia voltado.

O abandono parental é algo que muitas crianças e adolescentes vivenciam, e cada uma delas manifesta seus sentimentos de maneira diferente. A partir do comportamento da personagem do romance, é possível dialogar com os alunos sobre os motivos que podem levar uma pessoa a abandonar seus familiares; de que formas a sociedade contribui para a ocorrência desse tipo de situação; como esse evento pode ser encarado por aqueles que o vivenciam; como ajudar um colega que esteja passando pela situação e que tipo de ajuda procurar nesses casos.

India, por exemplo, tem uma reação emocional muito forte ao abandono e encara a figura de seu pai em seu passado com amargura, escrevendo, desde criança, uma lista com várias maneiras como seu pai poderia, possivelmente, morrer. India descreve a lista:

A certa altura, até escrevi uma lista com vários finais desagradáveis que poderiam ter acontecido a ele. Eu tinha um bloco de estenografia e o guardava dentro de uma mala velha debaixo da cama, porque não queria que minha mãe o visse. “Espero que meu pai morra com uma doença venérea, depois de o pinto dele apodrecer” estava no topo da lista e era seguido por um monte de coisas óbvias – acidentes de carro, envenenamento por comida, câncer –, mas eu ficava mais imaginativa conforme o tempo passava e a última coisa que escrevi na lista (nº 316) foi: “Espero que meu pai perca o juízo e morra sozinho e com medo”. Ainda tenho esse bloco, mas agora ele fica numa prateleira e não em uma mala velha. (KIERNAN, 2014, p. 14)

India ter movido o bloco de notas onde escreveu essa lista, de uma mala velha para uma prateleira, demonstra a maturidade emocional que a personagem adquiriu com o tempo. Ela mostra que a tristeza, por maior que seja a decepção, pode ser amenizada com o tempo. Mostra que é possível sentir-se mais confortável com seus sentimentos e que não é necessário mantê-los escondidos. São ensinamentos importantes e que, se discutidos em sala de aula, podem ajudar os adolescentes a encarar de uma maneira mais positiva seus próprios sentimentos negativos, tendo eles passado por situação de abandono ou não.

Dizer que India pode ter superado seu passado com seu pai não significa, entretanto, que ela não compreenda o funcionamento de uma sociedade que privilegia e encobre as falhas de certos grupos, como os homens. Em muitos momentos, é possível notar que Imp encara com receio e até mesmo desconfiança o gênero masculino. Ao se referir aos efeitos colaterais causados pela medicação que toma, India afirma que pensa em todos os seus remédios como homens (KIERNAN, 2014, p. 17), apesar de escolher não compartilhar essa informação com sua psiquiatra, pois a mesma “já sabe sobre a lista de ‘como papai deveria morrer’”.

Assim como India atribui aos seus medicamentos pronomes masculinos quando fala negativamente sobre eles, ela também encara a figura masculina como algo assustador e potencialmente perigoso. Esse pensamento é destacado quando, ao imaginar o lobo mau do conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, Imp cria em sua mente a imagem de um lobisomem, um ser antropomorfizado e bípede. E esse ser a assusta bem mais que um lobo, justamente por parecer um homem.

De qualquer forma, mesmo com final feliz, a história me assustava. Primeiro porque eu nunca imaginava o lobo como um lobo de verdade, mas como uma criatura que caminhava ereta nas duas patas e parecia muito mais com um homem que com um lobo. Portanto, eu o considerava um lobisomem. Quando já era mais velha, li um livro sobre lobos e assisti a um documentário do National Geographic e percebi que o modo como eu vira o lobo, em minha imaginação, tornava a história mais verdadeira, porque os homens são mais perigosos que os lobos. Em especial se você é um lobo ou uma garotinha. (KIERNAN, 2014, p. 34)

A questão do gênero é levantada mais algumas vezes ao longo do romance, e é importante que uma leitura atenta seja feita junto à turma em que se trabalha a obra, pois os trechos permitem que se levantem muitos questionamentos referentes aos papéis que a sociedade espera que pessoas desempenhem. Debater essas questões é de extrema

importância para o desenvolvimento do adolescente, pois, ao encarar criticamente as imposições sociais, ele poderá contribuir para um ambiente mais justo e respeitoso, começando pela escola. Além disso, pensar os papéis de gênero junto aos alunos permite a eles que reflitam sobre suas próprias vidas e individualidades, entendendo que elas precisam ser respeitadas dentro e fora da sala de aula. Pode-se levantar um debate com os estudantes a partir do seguinte trecho:

De qualquer forma, ela me mostrou como jogar alguns jogos. Em um deles, você era um soldado alienígena combatendo uma invasão alienígena, e tinha uma garota azul holográfica. Em outro, você era um soldado que estava tentando impedir os terroristas de usarem armas nucleares. — Todos eles são violentos? – perguntei. — Todos os personagens principais são do sexo masculino? Todos os jogos são sobre guerra? (KIERNAN, 2014, p. 42)

O uso dos jogos eletrônicos para abordar a questão de gênero pode render uma maior contribuição dos alunos para os debates, pois os jogos fazem parte de seus cotidianos. É possível que muitos se identifiquem com os questionamentos feitos por Imp. Pode-se introduzir o assunto a partir do trecho acima e em seguida discutir em que situações os estudantes se sentiram da mesma forma que a personagem. O compartilhamento de experiências a partir do texto tem o potencial de criar laços entre o leitor e os personagens, tornando a leitura mais significativa e dialógica.

Também é importante que a questão da identidade de gênero seja discutida. A personagem Abalyn Armitage, mulher transexual, compartilha um pouco de sua história na narrativa, descrevendo algumas das diferentes formas de sofrimento ao qual uma pessoa transexual é exposta ao longo de sua vida. É importante apresentar aos alunos também a própria autora do livro, que é uma mulher transexual, ciente das dificuldades e da discriminação vivenciada por pessoas cuja identidade de gênero desafia uma sociedade cheia de preconceitos.

Abalyn fala sobre seu passado pela primeira vez através de uma conversa que tem com India, sobre uma outra mulher com quem Abalyn se relacionou. A moça relata o preconceito que recebeu quando seu interesse romântico, uma mulher que havia conhecido num bar, descobriu que ela era uma mulher transexual.

— Eu sei. É um clichê terrível. Ela estava meio bêbada, mas eu lhe paguei outra cerveja e começamos a conversar. Ela nem percebeu que eu era uma transexual quando saímos para voltar ao meu quarto de hotel.

“Eu não falei nada sobre Abalyn ser transexual”, Imp datilografou. “Ela não ia querer que eu fizesse uma cena por isso e nunca fez diferença para mim. Por isso não mencionei nada até agora.”

“Era parte de quem ela era”, datilografou Imp.

— Ela se aborreceu? Quando descobriu, quero dizer. — E eu estava pensando naquela cena de Traídos pelo Desejo, quando Stephen Rea vê Dil nu e depois vai até o banheiro e vomita. Não contei para Abalyn que era isso que estava passando pela minha cabeça.

— Para falar a verdade, ela se aborreceu. Por isso, no fim das contas, não voltamos para o meu quarto. Mas eu dera a ela o meu cartão... (KIERNAN, 2014, p. 50)

O acontecimento descrito por Abalyn não foi a única ocasião em que a mulher sofreu transfobia no livro, nem era sua primeira situação de abandono. Ela continua a conversar com Índia sobre suas experiências românticas, e sobre de que maneira o fato de ela ser transexual estava associado aos seus términos.

Então conversamos um pouco mais sobre ela ser transexual. Não muito, mas um pouco. Não lhe contei como eu soubera no mesmo instante que ela me pegou remexendo nas coisas dela na véspera. Achei que teria sido rude dizer isso. Ela me falou sobre a ida à clínica em Bangcoc para a cirurgia e o cara com quem ela morava na época. — Ele pagou quase tudo, mas então terminamos logo depois. No fim das contas, ele não gostou de mim depois. (KIERNAN, 2014, p. 51)

A solidão experienciada por Abalyné um medo comum durante a adolescência, quando muitas pessoas sentem que não se encaixam em grupo algum de pessoas, e pode acompanhá-las até mesmo durante a idade adulta. Esse sentimento pode ser ainda pior em pessoas de grupos marginalizados. É importante, portanto, que se construa em sala de aula uma consciência crítica e um senso de responsabilidade emocional e social. É necessário que os alunos aprendam sobre respeito e que não devem ser seletivos com as pessoas que respeitam ou não. É crucial que os estudantes aprendam, o mais cedo possível, que todas as pessoas tem o direito de ser tratadas com respeito.

Como exemplo da discriminação sofrida dentro da própria família, Abalyn conta sobre seus pais e como eles reagiram quando ela se declarou transexual. A reação dos pais da garota ilustra uma realidade ainda não superada pela sociedade atual, mas que é cada vez mais discutida. Após a rejeição da família, Abalyn vive aos 16 anos um pesadelo que muitas pessoas transexuais experimentam, que é a necessidade de passar por dificuldades e situações de risco apenas para se manter viva.

Abalyn contava sobre o pai, a quem ela chamava de Santo Graal dos Idiotas. Ela me contou que ele a socara no rosto quando ela saiu do armário, e ela me mostrou uma cicatriz acima do olho esquerdo. — Por causa do anel de formatura – disse ela. Minha mãe disse que queria que eu estivesse morta ou que nunca tivesse nascido. Ou, pelo menos, que queria que eu fosse apenas gay. Eu tinha 16 anos e naquele dia fui embora de casa. — Aonde você foi? — Aqui e ali, dormindo em sofás.

Fui sem-teto algumas vezes, o que não era tão ruim quanto você poderia pensar. Era melhor que a vida com o Santo Graal dos Idiotas e com a minha mãe. Tem um antigo armazém na Federal Hill onde eu costumava me encontrar com outros jovens. Pedi esmolas, catei lixo, me prostituí, essas merdas todas. Fosse o que fosse para ir de um dia ao seguinte. (KIERNAN, 2014, p. 151)

Para ilustrar a condição difícil vivida pelas pessoas transexuais, adaptando o texto de “A menina submersa” para a realidade brasileira, Tomazelli (2016, p. 12) afirma:

Para muitas mulheres trans, o mercado da prostituição acaba sendo a única forma de conseguirem um sustento, pois o preconceito dificulta muito a inserção no mercado formal. Essa evidência pode ser verificada na notícia publicada por Nádia Lapa, “O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho”, no site Carta Capital em 2013, que mostra que 90% das travestis e transexuais brasileiras estão na prostituição por não encontrarem um emprego formal. (TOMAZELLI, 2016, p. 12)

A condição de Abalyn enquanto sobrevivente num mundo que despreza sua existência demonstra o quão violenta pode ser a discriminação às minorias. Essa situação apenas pode ser evitada conforme se reduz o preconceito da sociedade por aquele que não segue os padrões, e, por isso, a educação precisa combater as mais variadas formas de desigualdade, levando em consideração que foi o ser humano, ao longo da história, quem construiu a ideia do que era “normal” e do que era “desviante”. Sobre ser vista como alguém “diferente”, Abalyn explica a India que não tenta fingir que é diferente, pois esse pensamento pioraria os problemas (KIERNAN, 2014, p. 153) Para ela, a sociedade é quem precisa adaptar suas ideias. A personagem de India, por sua vez, mostra abertura e interesse ao ouvir a namorada, dando espaço para que ela mostre como se sente:

— Sempre fui mulher, Imp. Os hormônios e a cirurgia não me modificaram de uma coisa para outra. Por isso odeio a expressão “troca de sexo”. Ela é enganosa. Ninguém nunca trocou o meu sexo. Eles simplesmente deixaram a carne mais em linha com a minha mente. Com meu gênero. Além disso, não tenho certeza de que realmente havia uma escolha. Não acho que sobreviveria se não tivesse feito. Se eu não pudesse ter feito. – Ela não parecia zangada nem irritada comigo. Falava pacientemente, embora houvesse algo cansado no fundo de sua voz, e eu me perguntei quantas vezes Abalyn tinha explicado isso, e para quantas pessoas diferentes. — Não acho que isso signifique que sou corajosa – acrescentou ela. (KIERNAN, 2014, p. 153)

A própria India, também, vivencia suas dificuldades em ser socialmente aceita. Ela, afinal, precisa conviver com um quadro psiquiátrico que acomete sua família por gerações. Sua avó e sua mãe morreram sob cuidados médicos especializados devido ao mesmo quadro, e ela está quase sempre sozinha. Além disso, os medicamentos que toma

alteram seu humor, sua libido e sua saúde em geral, afetando a maneira como ela se relaciona com as pessoas ao seu redor. Juntas, Imp e Abalyn refletem sobre as possibilidades do futuro, e esperam que, com ele, venha a aceitação.

Um dia, as pessoas não vão estranhar tanto. Pelo menos gostaria de ter esperança que não. Gostaria de acreditar que um dia se compreenderá em geral que é apenas como algumas pessoas são. Gays. Héteros. Transgênero. Pretas. Brancas. Com olhos azuis. Cor de mel. Peixes. Aves. Que diabos for. (KIERNAN, 2014, p. 154)

Além das questões de gênero, o romance retrata também sobre a descoberta da sexualidade. India fala frequentemente sobre sexo, e de forma natural e livre de tabus. Não é que os tabus não sejam levantados. A personagem sabe que existem e convive com eles, mas da maneira mais isolada que ela pode. India descreve seu primeiro beijo, que na verdade não foi com uma pessoa, e sim com uma máscara mortuária. E, ainda assim, descreve-o como algo natural e que faz parte das descobertas de qualquer jovem sobre si mesmo.

A primeira mulher que eu beijei foi l’Inconnue de la Seine, a imagem de uma suicida não identificada que nasceu cem anos antes de mim. Nesse dia, encostei meus lábios delicadamente nos dela, repetidas vezes, respirando levemente em sua boca sem vida. E senti um formigamento peculiar na barriga. Eu sei agora, olhando para trás, que essa foi uma das minhas primeiras experiências sexuais, embora levasse alguns anos até que eu confessasse totalmente para mim mesma que só ia querer fazer amor com mulheres. Meus lábios roçando os lábios de silicone, e havia um... um o quê? Um frisson, acho. Um estremecimento de prazer que veio e foi tão rápido que mal tomei consciência disso. (KIERNAN, 2014, p. 56)

As questões relacionadas a gênero e sexualidade acima descritas são de relevância social e começam a ser discutidas no momento da adolescência. A escola, acima de tudo, deve ser um ambiente onde todas as pessoas são respeitadas, e nenhuma dúvida é diminuída. Por essa razão, entendemos ser importante discutir assuntos que envolvam o bem-estar coletivo sempre que possível e a literatura pode desempenhar um relevante papel nesse sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance “A menina submersa: memórias”, ainda que pouco conhecido no Brasil, apresenta aspectos que o tornam uma potencial ferramenta de incentivo à leitura. Por se tratar de uma obra que busca conexão com personagens da literatura conhecidos

por todos desde a infância, a história de Imp tem a capacidade de estabelecer uma relação afetiva de releitura, como acontece também, por exemplo, com os romances da saga “Crepúsculo”. Nesta pesquisa, buscamos destacar, em “A menina submersa”, elementos de fantasia e do sombrio, tão buscados pelos jovens nas livrarias e bibliotecas brasileiras.

Para além da temática fantástica que cativa os estudantes, a dinâmica das personagens levanta questões muito atuais, e problemas comuns na vivência do adolescente, como o sentimento de incerteza e de não-pertencimento. Desse modo, tendo em vista a necessidade de se trabalhar os temas contemporâneos transversais nas escolas, concluímos que o romance “A menina submersa” apresenta potencial para ser trabalhado pedagogicamente, especialmente com os alunos do ensino médio, em especial para encorajar os jovens a estabelecerem uma relação afetiva com a leitura, contribuindo, assim, para a formação de leitoras e leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 24/ 06/ 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Propostas de Práticas de Implementação**. Brasília, 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n. 15, 2003.

CAMARANI, Ana Luíza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. 2014.

CASTRO, Andressa Gonçalves. **A literatura fantástica e o incentivo à leitura para jovens e adolescentes**. 2014.

DOS SANTOS, Raphael Márcio; ALVARELI, Luciani Vieira Gomes. Literatura fantástica nas aulas de língua estrangeira: do PCN à sala de aula. **Ângulo**, v. 1, n. 1, p. 8-23, 2017.

FREUD, Sigmund et al. **The uncanny**. Prabhat Prakashan, 1976.

HERNANDEZ, Cláudio Reus Silveira; DO CARMO BARBOSA, Aline Jesuína. Inquietude, amor, loucura, tradição e modernidade: uma visão diacrônica da representação poética da mulher. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé**, v. 1, n. 1, 2013.

KIERNAN, Caitlín R. **A menina submersa: memórias**. Tradução de Ana Resende, Carolina Caires Coelho. São Paulo: Darkside Books, 2014.

KIERNAN, Caitlín R. **The Drowning Girl**. Penguin, 2012.

LADELFO, Josiane; BIKOSKI, Graciela Farias; SCHMITZ, Pércio Davies. Diálogos e reflexões éticas sobre DST's, sexo, sexualidade e gênero no ensino médio: uma oficina didática calcada em temas transversais. **ScientiaTec**, v. 3, n. 2, p. 139-152, 2016.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. A literatura fantástica e a formação de leitores no século XXI. **Revista Húmus**, v. 1, n. 3, 2011.

LIRA, Bruna Cordeiros. A mulher na literatura: seus enquadramentos e a precariedade da emancipação. **RELAcult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 4, p. 381-388, 2016.

MARTINS, Elisabeth Lemes de Souza. **Foucault, loucura e literatura**. 2012. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

MARTINS, Julia Teitelroit. Estudos do estranho: o fator da repetição. **Anuário de Literatura**, v. 16, n. 1, p. 207-218, 2011.

SÁ, Márcio Cícero de. **Da literatura fantástica (teorias e contos)**. 2003. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SENA, Tatielle Valois Rios. **A loucura como subterfúgio social para o silenciamento e cerceamento dos direitos da mulher**. 2018. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social)-Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Bahia, 2018.

TEIXEIRA, Luciana Balbino da Silva. **A precariedade da capacidade de leitura como instrumento de exclusão social: um problema de gestão**. 2009.

TODOROV, Tzvetan; CASTELLO, Maria Clara Correa. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TOMAZELLI, Patricia. **Condições de vida e trabalho de mulheres trans no mundo da prostituição**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

TORRES, Edilson Junior Pinto e NOGUEIRA, Viviane Braz. **Uma abordagem dos temas transversais nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental II nas escolas estaduais do município de Humaitá-AM**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Amazonas.